

CHARLES
DICKENS

E OUTROS

AS PRESCRIÇÕES
DO DR. MARIGOLD

FICÇÃO CURTA COMPLETA 1857-1868

Traduzido dos originais em inglês por
Francisco Silva Pereira



Índice

Nota à presente edição 9

FICÇÃO CURTA COMPLETA 1857-1868

AS PRESCRIÇÕES DO DOUTOR MARIGOLD.	15
I. — Tomar de imediato	17
II. — Não tomar antes de dormir (Rosa Mulholland)	43
III. — Tomar à mesa de jantar (Charles Allston Collins)	61
IV. — Não tomar como certo (Hesba Stretton)	81
V. — Tomar com água (Walter Thornbury).	103
VI. — Tomar com um grão de sal (Charles Dickens)	125
VII. — Para tomar e experimentar (Caroline Leigh Gascoyne)	139
VIII. — Tomar para o resto da vida.	167
ENTRONCAMENTO DE MUGBY.	175
Barbox Brothers	179
Barbox Brothers & Cia.	209
Linha Principal: O rapaz de Mugby	231
Ramal n.º 1 — O sinaleiro.	243
Ramal n.º 2 — O maquinista.	259
Ramal n.º 3 — A casa da indemnização	269
Ramal n.º 4 — O posto de correio itinerante	289
Ramal n.º 5 — O engenheiro	313

ROMANCE DE FÉRIAS — EM QUATRO PARTES	335
I Parte — Romance introdutório pela pena de William Tinkling, esq. (oito anos)	337
II Parte — Romance pela pena da menina Alice Rainbird (sete anos)	349
III Parte — Romance pela pena do tenente-coronel Robin Redforth (nove anos)	361
IV Parte — Romance pela pena da menina Nettie Ashford (seis anos e meio)	373
 A EXPLICAÇÃO DE GEORGE SILVERMAN	 385
Primeiro Capítulo	387
Segundo Capítulo	389
Terceiro Capítulo	391
Quarto Capítulo	395
Quinto Capítulo	401
Sexto Capítulo	405
Sétimo Capítulo	415
Oitavo Capítulo	421
Nono Capítulo	425

I.

Tomar de imediato

Sou quinquilheiro, e o nome do meu pai era Willum Marigold. Ao longo da sua vida, houve quem pensasse que ele se chamava William, mas o meu pai sempre disse insistentemente que não – era Willum. Quanto a isto, contento-me a considerar a questão desta forma: se num país livre não é permitido a um homem saber o seu próprio nome, quanto lhe será permitido saber numa terra de escravidão? Quanto a considerar a questão por via do Registo, pois, Willum Marigold veio ao mundo antes de os Registos se fazerem particularmente notar – e também dele se foi. E estes também não lhe teriam apelado particularmente se lhes fosse dada a oportunidade de se apresentar.

Nasci na estrada da Rainha, só que na altura era do Rei. Foi chamado um médico para assistir a minha mãe, o meu próprio pai chamou-o, quando chegou a devida altura num terreno baldio; e por ele ser um cavalheiro muito bondoso e não querer aceitar nenhum pagamento além de uma bandeja de chá, recebi como nome Doutor, em sinal de gratidão e como elogio ao dito doutor. E aqui me tendes. Doutor Marigold.

Sou de momento um homem de meia-idade, de compleição larga, com calças de veludo cotelê, polainas e colete de mangas cujos cadarços se espetam sempre para trás. Componha-os eu como quiser, lá acabam eles como cordas de violino. O leitor já foi certamente ao teatro e viu um dos violinistas a atarraxar as cravelhas do seu violino, depois de o escutar, como se este lhe estivesse a sussurrar em segredo que receava estar desafinado,

e depois ouviu-o estalar? Pois parece-se tanto com o meu colete como um colete e um violino se podem assemelhar.

Gosto de um chapéu branco e gosto de um bom lenço à volta do pescoço, não muito apertado. Sentado é a minha posição favorita. Se há jóias pessoais que me agradem, são os botões de madrepérola. Aqui me tendes mais uma vez, sem tirar nem pôr.

Tendo o médico aceitado uma bandeja de chá, o leitor terá imaginado que o meu pai também era quinquilheiro. E não está enganado. Assim era. E a bandeja era bonita. Mostrava uma grande senhora, num sinuoso caminho de cascalho que subia uma colina para ir dar a uma capela. Dois cisnes também se haviam desviado com o mesmo intuito. Quando lhe chamo uma grande senhora, não quero com isto dizer em termos de largueza, pois tal não se me era dado ver, mas sim que ela mais do que compensava em altura; a sua altura e magreza eram, em suma, bastante vastas.

Muitas vezes vi aquela bandeja, depois de ter sido eu a causa inocente e sorridente (ou, o mais provável, a causa gritante) que levava o médico a expô-la no seu consultório em cima de uma mesa encostada à parede. Sempre que o meu pai e a minha mãe se encontravam naquela parte do país, eu tinha por hábito meter a minha cabeça (ouvi a minha própria mãe dizer que era de cachos loiros na altura, embora agora apenas se perceba que não se trata de uma velha vassoura de lareira quando reparamos que lhe falta o cabo) na frincha da porta do dito médico, e este ficava sempre feliz por me ver e dizia: «Ah, o meu confrade! Entre, meu pequeno Doutor. O que me diz de seis *pence*?».

Depressa descobrimos que não podemos ficar cá para sempre, e foi o que se deu com o meu pai e com a minha mãe. Se não nos vamos de uma assentada quando é devida a hora, é bem possível que o façamos por partes, e aposto dois contra um que a nossa cabeça é uma delas. Gradualmente, o meu pai foi perdendo a sua e a minha mãe perdendo a dela. Deu-se de forma inofensiva, mas causou grande transtorno à família onde eu entretanto os tinha hospedado. O velho casal, embora reformado, passara a dedicar-se total e exclusivamente ao negócio do quinquilheiro

e estava sempre a vender as coisas da dita família. Sempre que a toalha era posta para o jantar, o meu pai começava a agitar os pratos e as travessas no ar, como fazemos neste nosso mister quando se trata de vender loiça, só que ele já lhe havia perdido o jeito e deixava-os quase sempre cair e acabavam partidos. Uma vez que a velha senhora estava acostumada a sentar-se na carroça e a ir entregar os artigos um a um para que o velho senhor os fosse vendendo no estribo, da mesma forma ela lhe ia passando tudo o que era propriedade da família, coisas de que se desfaziam na sua própria imaginação, de manhã à noite. Por fim, o velho senhor, acamado no mesmo quarto com a velha senhora, vai de gritar no seu velho e fluente arengar, depois de ter passado dois dias e duas noites em silêncio: «Ora, temos aqui, meus alegres companheiros, prestem todos atenção – pois o Clube do Rouxinol encontrava-se reunido numa aldeia, sob a égide do Repolho e das Tesouras, no qual os cantores se teriam destacado, sem dúvida, mas pela falta de gosto, voz e ouvido –, ora, temos aqui, meus alegres companheiros, prestem todos atenção, um modelo funcional de um velho quinquilheiro usado, sem que lhe reste um dente na boca e com uma dor em tudo o que é ossos; com tanto de vivo que seria igualmente bom se não fosse melhor, igualmente mau se não fosse pior, e igualmente novo se já não estivesse gasto. Façam as vossas ofertas pelo modelo funcional do velho quinquilheiro, que, no seu tempo, bebeu mais chá de pólvora⁽¹⁾ com as damas do que o necessário para rebentar com a tampa da caldeira de uma lavadeira e levatá-la no ar tantos milhares de quilómetros mais alto do que a Lua quanto nada, nadinha, dividido pela dívida nacional, nove fora nada, três abaixo e dois acima. Ora, meus corações de carvalho e homens de palha, o que me dizem do lote? Dois xelins, um xelim, dez *pence*, oito *pence*, seis *pence*,

⁽¹⁾ *Gunpowder tea*, no original. Jogo de palavras do autor, que se refere aqui a uma variedade de chá verde conhecida por este nome (ou como chá pérola) porque as folhas eram enroladas individualmente em pequenas esferas para preservarem melhor as suas propriedades. (N. T.)

quatro *pence*. Dois *pence*? Quem disse dois *pence*? O cavalheiro com o chapéu de espantalho? Pois o cavalheiro com chapéu de espantalho envergonha-me. Pois dele sinto vergonha em virtude da sua falta de espírito público. E agora vos digo o que vou fazer em seguida. Vamos, então! Vou juntar ainda um modelo funcional de uma velha que está casada com o velho quinquilheiro há tanto tempo, que, pela minha palavra de honra, o casamento se deu na Arca de Noé, antes de o Unicórnio lá puder entrar para proibir os banhos com uma melodia saída do seu próprio corno. Pronto! Vamos lá, quanto me dão por ambos? Pois vou dizer-vos o que vou fazer. Não vos levo a mal por serem tão acanhados. Então! Se me fizerem uma oferta que represente apenas um pouco do valor desta vossa cidade, ainda junto uma panela de aquecer a troco de nada e empresto-vos um garfo de torrar para o resto da vida. Ora, vamos lá: o que me dizem depois desta esplêndida proposta? Digamos duas libras, digamos trinta xelins, digamos uma libra, digamos dez xelins, digamos cinco, digamos dois e seis. Nem sequer dois e seis? Dizem-me dois e três? Não. Não me ficam com o lote por dois e três. Mais depressa o dava, se a carinha fosse jeitosa. Aqui! Meninas! Larguem o velho e a mulher na carroça, atrelem-lhe o cavalo, levem-nos daqui e enterrem-nos!». Foram estas as últimas palavras de Willum Marigold, o meu pai, e foram concretizadas, por ele e pela sua esposa, a minha mãe, num e no mesmo dia, como eu muito bem sei, já que os segui como enlutado.

O meu pai tinha sido um verdadeiro encanto nos seus tempos de trabalho como quinquilheiro, como estas suas últimas observações bem o provaram. Mas eu levo-lhe a palma. E não digo isto por falar de mim, mas porque foi universalmente reconhecido por todos os que para tal tiveram meios de comparação. E tenho feito por isso. Pois dei por mim a comparar-me com outros oradores públicos – membros do Parlamento, tribunas, púlpitos, advogados conhecedores da Lei – e, quando os achei bons, fiquei-lhes com um pouco da imaginação, e quando os achei maus, deixei-os estar. E agora digo o seguinte: pretendo

descer ao meu túmulo afirmando que, entre todas as vocações na Grã-Bretanha, a de quinquilheiro é a mais mal aproveitada. Por que motivo não somos considerados uma profissão? Porque não nos são dados privilégios? Porque nos vemos forçados a tirar uma licença de bufarinheiro, quando tal não é pedido aos políticos? Onde se encontra a diferença entre nós? Com a exceção de negociarmos com quinquilharias e eles com trapaçarias, *não* vejo nenhuma diferença que não a nosso favor.

Vejamos, então! Digamos que estamos em altura de eleições. Eis-me no estribo da minha carroça no mercado, numa noite de sábado. Tenho à venda um lote geral, mas diversificado. Pois digo: «Ora então, meus livres e independentes eleitores, vou dar-vos uma oportunidade como nunca tiveram em todos os vossos dias neste mundo, nem nos dias anteriores. Ora, vou mostrar-vos o que vou fazer. Aqui está um par de navalhas que vos deixará mais bem escanhoados do que o Conselho dos Tutores; aqui está um ferro de engomar que vale o seu peso em ouro; aqui está uma frigideira artificialmente perfumada com essência de carne de vaca, de tal maneira que, para o resto da vida, só terão de fritar nela o pão e ficarão saciados de toda a comida animal; aqui está um genuíno relógio-cronómetro numa caixa de prata tão sólida que o poderão usar para bater à porta quando chegarem tarde a casa vindos de uma reunião social, e assim acordar a vossa esposa e família enquanto poupam a aldaba para o carteiro; e aqui está meia dúzia de pratos de jantar com os quais poderão tocar címbalos para sossegar o bebé quando estiver mais agitado. Atenção! Vou juntar outro artigo, e este é oferecido, e é um rolo da massa; e se o bebé conseguir metê-lo bem na boca quando os dentes estiverem a rasgar e esfregar as gengivas uma vez com ele, pois hão-de nascer-lhe em dobro, e isto entre risos como se lhe fizessem cócegas. Atenção, mais uma vez! Vou acrescentar outro artigo, porque a vossa cara não me esta a agradar, pois não estão com cara de quem quer comprar, a menos que eu saia a perder, e porque prefiro perder a não receber dinheiro nenhum esta noite, e porque tenho aqui um espelho no qual podem ver a vossa feiura

quando não me fazem uma oferta. O que me dizem agora? Vamos! Uma libra, dizem? Não, pois não a têm. Dizem-me dez xelins? Não, pois devem mais ao contador da água. Pois bem, vou dizer-vos o que vou fazer. Vou ajuntar aqui tudo no estribo da carroça – pronto! Navalhas, relógio, pratos de jantar, rolo da massa e lá se vão eles por quatro xelins, e ainda vos dou seis *pence* pelo trabalho!». Este sou eu, o quinquilheiro. Mas na manhã de segunda-feira, no mesmo mercado, sobe o trapaceiro ao palanque – que é a *sua* carroça – e o que diz *ele*? «Ora, meus livres e independentes eleitores, vou dar-vos uma oportunidade» (ele começa exactamente como eu), «como nunca tiveram em todos os vossos dias neste mundo, e essa é a oportunidade de me enviarem para o Parlamento. Ora, pois vou dizer o que vou fazer por vós. Aqui estão os interesses desta magnífica cidade promovidos acima de todo o resto da terra civilizada e incivilizada. Aqui estão as vossas linhas-férreas promovidas e as dos vossos vizinhos preteridas. Aqui estão todos os vossos filhos com um lugar nos Correios. Aqui está a própria Britânia que vos sorri. Aqui estão os olhos da Europa postos em vós. Aqui está a prosperidade universal para todos, fartura de comida animal, milheirais dourados, alegres herdades e salvas de palmas dos vossos corações, tudo em um, e eis que esse um sou eu. Não me quereis tal como sou? Não? Bem, nesse caso, vou dizer-vos o que farei. Ora, vede! Vou juntar ainda à barganha qualquer coisa que me peçam. Pronto! Impostos da Igreja, abolição do imposto suplementar sobre o malte, nenhum imposto sobre o malte, educação universal do mais alto nível, ou ignorância universal do mais baixo, abolição total dos castigos corporais no exército ou uma dúzia de vergastadas no lombo de cada soldado raso uma vez por mês, Tortos dos Homens ou Direitos das Mulheres – só têm de me dizer qual vai ser, é pegar ou largar, sou completa e totalmente da vossa opinião, e o lote é vosso como bem entenderem. Pronto! Ainda não estais convencidos? Bem, assim sendo, vou dizer-vos o que posso fazer. Vinde! Sei que *sois* muito livres e independentes, e tanto que me orgulho de vós, que *sois* um eleitorado tão nobre e esclarecido, e eu que

tanto desejo a honra e a dignidade de ser um dos vossos, algo que é de longe o mais elevado nível ao qual as asas da mente humana almejam voar – pois vou dizer-vos o que posso fazer. Ainda junto todas as tabernas da vossa magnífica cidade por nada. Ficamos a contento? Ainda não? Nem assim me ficam com o lote? Bem, então, antes de montar e partir, e apresentar a minha oferta na próxima magnífica cidade que me seja dado encontrar, vou dizer-vos o que farei. Ficam com o lote e eu ainda largo duas mil libras nas ruas da vossa magnífica cidade para que lhes deite a mão quem puder. Não chega? Ora, prestem atenção. Isto é o mais longe que posso ir. Fica em duas mil e quinhentas. E nem assim estão interessados? Aqui, menina! Se me... não, espere um instante, não gostaria de lhe virar as costas nem por uma ninharia, fica em duas mil setecentas e cinquenta libras. Pronto! Fique com o lote nos seus próprios termos e eu mesmo conto duas mil setecentas e cinquenta libras no estribo da carroça, para que sejam largadas nas ruas da vossa magnífica cidade para que lhes deite a mão quem puder. O que é que me diz? Ora, então! Não há-de conseguir melhor, e pode ser que lhe calhe pior. Aceita? Viva! Vendido e consegui o lugar!».

Estes trapaceiros não hesitam em enganar os clientes, mas nós, quinquilheiros, não. Dizemos-lhes as verdades na cara e que ninguém pense que os poderíamos seduzir com lisonjas. Quanto ao arrojo com que embelezam os lotes, estes trapaceiros levam-nos a palma. Pois considera-se como vocação do quinquilheiro que se pode fazer mais com uma arma do que com qualquer artigo que possamos apresentar na carroça, excepto um par de óculos. Costumo apregoar uma arma durante um bom quarto de hora e é como se nunca tivesse de parar. Mas quando digo o que a arma é capaz de fazer e o que a arma já deitou abaixo, nunca vou tão longe quanto os trapaceiros quando fazem discursos que elogiam as *suas* armas – essas suas grandes armas. Além disso, estou neste negócio por conta própria: não sou enviado ao mercado em nome de ninguém, como eles. Além disso, mais uma vez, as minhas armas não sabem o que digo em seu louvor, ao passo que as armas deles sabem, sendo que todas elas

têm motivos de sobra para se sentirem doentes e envergonhadas. São estes alguns dos meus argumentos para declarar que a vocação de quinquilheiro é maltratada na Grã-Bretanha, e para ficar indiferente quando penso nesses outros em questão, se e quando pretendem menosprezá-la.

Cortejei a minha esposa do estribo da minha carroça. Pois foi o que fiz. Ela era uma rapariga do Suffolk e isto foi no mercado de Ipswich, mesmo à frente da loja do comerciante de cereais. Eu tinha dado por ela à janela no sábado anterior e achei-lhe muita graça. Tinha gostado dela e dissera a mim mesmo: «Se ainda não tiver sido arrematado, hei-de ficar com aquele lote». Chegado o sábado seguinte, tratei de deixar a carroça no mesmo lugar e o negócio estava a correr-me muito bem, mantendo-os todos sempre a rir e despachando rapidamente as mercadorias. Por fim, tirei do bolso do colete um embrulhinho de papel e apresentei-o assim (olhando para a janela onde ela estava). «Ora, minhas belas donzelas inglesas, aqui está um artigo, o último artigo da venda desta noite, que vos ofereço apenas a vós, adoráveis bolinhos do Suffolk que transbordam de beleza, e pois não hei-de aceitar um lance de mil libras de homem nenhum. Então, de que se trata? Ora, vou dizer-vos o que é. É feito de oiro fino e não está partido, embora tenha um buraco no meio, e é mais forte do que qualquer grilhão que já foi forjado, embora seja mais pequeno do que qualquer um dos meus dez dedos. Porquê dez? Porque, quando os meus pais transferiram os seus bens para o meu nome, digo aqui a verdade, havia doze lençóis, doze toalhas, doze toalhas de mesa, doze facas, doze garfos, doze colheres de sopa e doze colheres de chá, mas os meus dedos eram dois a menos do que uma dúzia, pelo que nunca mais se lhes encontrou igual. Ora, e o que mais é? Venham, que vos digo. É uma argola de oiro maciço, embrulhada num papel-prata de enrolar, que eu mesmo tirei das madeixas resplandcentes da sempre bela velhinha de Threadneedle Street⁽²⁾,

(²) «The Old Lady of Threadneedle Street» é uma designação informal por vezes dada ao Banco de Inglaterra, situado nesta rua. (N. T.)

cidade de Londres; não vos diria tal coisa se não tivesse o papel para o provar, pois de outro modo não acreditariam nem mesmo em mim. Ora, e o que mais é? É uma armadilha e uma algema, o cepo da paróquia e uma grilheta também, tudo em oiro, tudo em um. Ora, e o que mais é? É uma aliança de casamento. Pois agora vos dizer-vos o que vou fazer com ela. Não vou oferecer este lote por dinheiro, mas pretendo dá-lo à próxima beldade que se rir, e hei-de fazer-lhe uma visita amanhã de manhã, às nove e meia em ponto, quando soarem as badaladas, e hei-de levá-la a passear para publicarmos os banhos»⁽³⁾. Ela riu-se e o anel foi-lhe entregue. Quando me apresentei na manhã seguinte, ela disse: «Ó valha-me Deus! É que pode lá ser o senhor, não me vai dizer que estava a falar a sério?», «Pois sou mesmo eu», digo-lhe, «e sempre hei-de ser, e sempre hei-de estar a falar a sério». E então casámos, depois de publicados três banhos – o que, aliás, é muito típico do quinquilhinho e revela mais uma vez como os seus costumes permeiam a sociedade.

Ela não era uma má esposa, mas tinha mau feitio. Tivesse ela podido livrar-se a custo deste único artigo, não a teria trocado por nenhuma mulher de Inglaterra. Não que a tenha trocado, atenção, pois vivemos juntos até que ela morreu, e isto foi por treze anos. Agora, meus senhores, senhoras e todos os demais, vou revelar-vos um segredo, embora vos seja impossível acreditar. Treze anos de mau feitio num palácio tentariam o pior de entre vós, mas treze anos de mau feitio numa carroça, pois, tentariam o melhor. Temos de viver tão de perto com ele numa carroça, estão a ver? Há milhares de casais entre vós que se dão tão bem como uma faca e uma pedra de amolar em casas de cinco e seis lanços de escadas de altura, mas que haviam de ir parar ao Tribunal de Divórcio se vivessem numa carroça. Se os solavancos agravam a situação, não me cabe decidir, mas numa carroça, sentimo-la mais agravada e parece que se agarra a nós.

⁽³⁾ Editais que fixam a data de casamento para serem lidos pelos populares. (N. E.)

A violência numa carroça é *tão* violenta, e um agravo numa carroça é *tão* agravante!

Podíamos ter tido uma vida tão agradável! Uma carroça espaçosa, com as mercadorias maiores dependuradas do lado de fora e a cama por baixo quando na estrada, uma panela de ferro e uma chaleira, um fogão para o frio, uma chaminé para o fumo, uma prateleira suspensa e um armário, um cão e um cavalo. O que mais se pode querer? Fazemos uma pausa na relva junto ao caminho ou à beira da estrada, desarreamos o nosso velho cavalo e pomo-lo a pastar, acendemos o nosso fogo nas cinzas dos últimos que por ali passaram, preparamos o nosso guisado, e nem ao imperador de França havíamos de querer chamar pai. Mas se temos mau feitio na carroça, a atirar-nos as palavras e os artigos mais rijos que temos para vender, onde é que ficamos? Pois, digam-me o que vos parece.

O meu cão também sabia quando ela estava virada do avesso, tal como eu. Antes que ela explodisse, ele largava um uivo e fugia. Como é que ele sabia disto, pois, era um mistério para mim, mas este conhecimento certo e seguro arrancava-o do seu sono mais profundo, ao que ele largava um uivo e fugia. Nessas alturas, eu só gostava de estar no lugar dele.

O pior de tudo foi que tivemos uma filha, e eu que amo crianças de todo o coração. Quando estava com as suas fúrias, ela batia na criança. Isto tornou-se de tal modo chocante, quando a criança tinha quatro ou cinco anos, que muitas vezes me fui postar com o chicote ao ombro, junto à cabeça do velho cavalo, a soluçar e a chorar mais do que a pequena Sophy. Pois, como podia eu impedir tal coisa? Não na presença de tal temperamento – numa carroça – sem que acabasse numa zaragata. Está no tamanho natural e na constituição de uma carroça que as coisas acabem numa zaragata. E então a pobre criança ficava ainda mais apavorada do que antes, bem como mais maltratada em geral, e a mãe dela tratava de se queixar às pessoas que encontrávamos depois, e a notícia espalhava-se: «Cá está um quinquilheiro desgraçado que andou a bater na mulher».